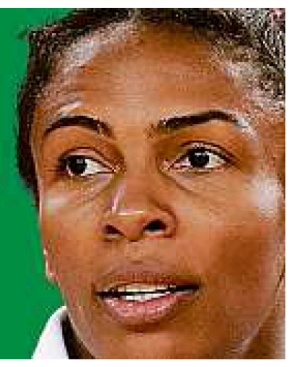
O GLOBO

ESPORTES

TERÇA-FEIRA 19.12.2017
oglobo.com.br

Mercado que não para de crescer
Maureen Flores PÁGINA 27

NA WEB
glo.bo/2B9VKtd
Brasil termina o ano atrás apenas do Japão no ranking do judô



Augusto Decker, Carol Knoploch e Márvio dos Anjos
esporteglb@oglobo.com.br

REPRODUÇÃO TV GLOBO

Cenas de barbárie. Câmeras internas do Maracanã flagram a invasão de torcedores em uma das catracas do estádio

Depois daquela noite

PARA ONDE VAMOS

Com base nas imagens de vandalismo mostrados pelo "Fantástico", da Rede Globo, especialistas em segurança pública, em direito esportivo e sociólogos ouvidos pelo GLOBO debatem sobre os incidentes da final da Sul-Americana.

1 Os jogos do Flamengo têm maior risco que os dos outros clubes?

FERNANDO VELOSO: A torcida do Vasco é tão violenta quanto a do Flamengo, dependendo da circunstância. A capacidade de promover a desordem não é numérica: depende de 100, 200 caras. Se esses líderes se organizam, botam a casa abaixo. Tem que chamar esses caras e conversar, haver transparência. Não podem ter esse poder de receber lotes de ingressos.
RONALDO HELAL: Não. Isso é preconceito contra os que têm menos dinheiro. E no Flamengo, que é um clube de massa, há mais de tudo: ricos, pobres, homens, mulheres, brancos, pretos, gays, héteros etc. Há mais vândalos, mas há mais pessoas pacíficas.
PAULO STORANI: Se pensarmos em escala, tamanho, há um número maior de torcedores nas organizadas do Flamengo e, sim, pode crescer o número de torcedores dispostos a fazer o que vimos. Mas, em relação a mau comportamento, não é exclusividade das torcidas deste time. Esse comportamento existe em outras torcidas também. Mas a sensação de grande quantidade se aplica ao Flamengo mais do que a outros clubes pela quantidade de torcedores que o time tem. Para mim, a questão é muito grave e vai além do futebol. Mostra o grau de civilidade de uma parte da sociedade fluminense que, não importa o motivo, não conseguiu comprar ingresso e achou que mesmo assim tinha direito de invadir. Não acredito que o problema tenha sido no efetivo empregado. Até porque 600 homens é cerca do efetivo de três batalhões da PM. Parte da população não aprendeu a conviver com as regras.
LUIZ FELIPE SANTORO: Acredito que houve falha na organização e logística do evento. Não sei se teve a segurança adequada e as providências para se evitar o que ocorreu. Acho que é questão de prevenção, mas também de educação, algo fora da esfera esportiva. Mas essa questão não é exclusiva do Flamengo. É uma questão social do nosso país.

2 Que punição cabe ao Fla? Ele é responsável pela segurança, segundo o regulamento da Conmebol

SEGURA TREJO: Pelo que vi no vídeo e no que aconteceu na semana anterior ao jogo, dava para ver que aconteceria algo assim. E me pergunto: o que o Flamengo fez, além de talvez passar informações para a PM? Acho que faltou que as pessoas tivessem bilhetes para assistir ao jogo, em vez de apresentar as carteiras de sócio-torcedor. As pessoas poderiam trocar para um jogo tão importante. Como essas pessoas chegaram até o Maracanã? Parece que ninguém tem essas respostas. Ninguém assume a responsabilidade. A questão do fundo, ninguém quer tratá-la: como prevenir esses fatos e não só pensar na repressão, que é o único caminho discutido. Só se pensa na repressão.
VELOSO: Eu te chamo para uma festa, alugo salão, rola confusão dos diabos e não tenho responsabilidade nenhuma? Tem corresponsabilidade, tem responsabilidade solidária; senão é fácil dizer: "eu não tenho nada a ver com isso". Perder mando de campo, jogo sem torcida... se o MP quiser, há uma dezena de medidas que podem impor. Hoje restringir a imagens para gerar a responsabilização criminal de A, B ou C, isso não vai dar a responsabilidade. E outra: é um evento que dá lucro. Aí você transfere um policial do Batalhão do Méier, vitima o morador do Méier, e ninguém paga nada, sai tudo do meu bolso e do seu? Não é comprar, é repor o recurso que é gasto. Toda a logística de material, transporte de cavalo, alimentação, por que não é pelo menos reposto? Tem que mudar o modelo.
HELAL: A punição deve ser algo como multa, perda de mandos ou jogos de portões fechados, porque o clube precisa pagar pelo que ocorreu no Maracanã. Eliminação da Libertadores seria algo exagerado.
SANTORO: Mesmo previsto, não acho justo. O Flamengo não escolhe seus torcedores. Se o clube tivesse incentivado a violência ou a invasão, aí sim, eu acharia justo. Mas entendo que se há lei ou regulamento, é preciso usá-lo. E como a confusão toda não prejudicou o andamento da partida, acredito que a punição esportiva ao clube não será das mais graves. Pode ser multa, um ou dois jogos sem público.

3 Punir o clube dá resultados?

EDUARDO CARLEZZO: Não há outra maneira. Todos os regulamentos do mundo passam pela responsabilidade objetiva do clube, ainda que, em determinados casos, possa ser injusto com o clube. Mas tem que ser assim, porque seria muito fácil o clube se desvencilhar desses assuntos.

?

SEGURA TREJO: No plano imediato, talvez sim, porque o clube tem alguma responsabilidade. Uma possibilidade é jogar sem público na primeira fase da Libertadores. Sair do Maracanã até que as condições mínimas de seguranças estejam garantidas. Não sei qual é a melhor forma.
HELAL: O efeito positivo que isso pode ter é que a turma do deixa-disso passaria a conter mais os vândalos. Os pacíficos são maioria, mas costumo dizer que o mal faz mais barulho do que o bem. Caso haja punição, essa maioria de pessoas pacíficas pode tentar controlar os violentos.
SANTORO: O que dá resultado é punir o infrator. Ele não sente na pele quando se pune o clube. O Corinthians, por exemplo, coloca em seus telões em todos os jogos que é proibido acender sinalizadores. E o que acontece? Alguns acendem. E o clube é punido. Não acho certo. Como o Estado não consegue identificar os infratores, fica mais fácil punir o clube. Também sou contra jogos de portões fechados. É novamente uma punição que não vai ao infrator. E isso não acaba com o problema. Jogo sem torcida não faz sentido e acaba com o futebol.
STORANI: Punir o clube é punir a torcida que foi ao jogo civilizadamente, pagando ingresso. É punir o clube que deixará de ganhar a bilheteria e que depende disso para manter o espetáculo. Não é o ideal, mas é o remédio. Se é previsto em lei e em regulamento, claro que tem de cumprir. Mas acho que é preciso identificar as lideranças dessa invasão armada e puni-los. E, também, os torcedores identificados. Alguém tem de pagar, alguém tem de ir para a guilhotina

4 Por que a elitização dos ingressos não melhorou a segurança?

SEGURA TREJO: Porque, ao aumentar o valor dos ingressos, não se compensaram os torcedores excluídos do estádio. Na Inglaterra houve aumento de preços, mas lá há uma massa de torcedores de diferentes classes que podem pagar; você tinha um mercado que podia absorver essa mudança. Aqui talvez seja possível, mas com poucos times, como Flamengo, Inter, Boca. Não é como na Inglaterra, onde Southampton, Brighton, enchem estádios mesmo com preços mais altos. Acredito muito mais em modelos como o da Alemanha, que permite a entrada dos "ultras".
VELOSO: O valor do ingresso é um impeditivo, mas só da ordem do poder aquisitivo. Você precisa ter impeditivos de ordem concreta. O futebol traz emoções muito fortes: se há uma maneira de um desordeiro conseguir entrar, ele entra.
HELAL: A delinquência não tem classe social. Um público com mais poder aquisitivo é tão somente um público com mais poder aquisitivo. Não é um público "melhor". Além disso, com mais setores populares no estádio, haveria menos descontentes. Aí, talvez os vândalos não fossem acompanhados da massa de descontentes — pessoas que não são vândalas, mas que, na massa, exibem comportamentos que não exibiriam individualmente.

5 A identificação dos arruaceiros nas imagens resultará em penas pesadas?

SEGURA TREJO: Cabem dois tipos de punição, o que também acontece na Inglaterra e na Alemanha: uma do tipo administrativa ou esportiva — o mundo do futebol os proíbe de entrar no estádio por um tempo — e também a punição da Justiça. Creio que não vai ser tão difícil identificar.
VELOSO: Vai depender muito do enquadramento. Para que alguém seja responsabilizado criminalmente, a conduta precisa ser individualizada. E fazer isso numa situação de bando como aquela é muito difícil. No caso do espeto que matou o botafoguense no início do ano, você consegue individualizar. É um desafio para o Ministério Público enfrentar. A pessoa do áudio *(revelado pelo Fantástico, da TV Globo)* que avisa que os fogos de artifício são a senha para a invasão pode ser culpabilizado. Se uma pessoa tivesse morrido asfixiada nas catracas, esse autor poderia ser corresponsabilizado, tudo poderia cair na conta dele, se fosse identificado. Porque ele sabia que ia haver desacato e assumiu o risco. Aí você tem dolo eventual.

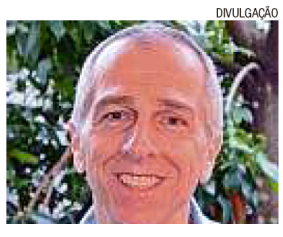
6 O Maracanã precisa ser interditado? Onde a crise do Estado agrava o problema?

VELOSO: O problema não está na estrutura física do Maracanã. O problema está no planejamento. Qual é a questão que a gente tem que cobrar: qual era a previsibilidade de se ter uma dificuldade daquela? É evidente que o clube, a administração do Maracanã e os órgãos de segurança não se prepararam. Quando o major Silvio Luiz (do Gepe) diz que fazer barreiras de trânsito necessárias causaria transtornos para os moradores, tem que cadastrar os carros, ele está certo. Mas aí a gente precisa dar esse empoderamento à PM, porque não foi ela quem pôs o estádio num centro urbano.
SANTORO: Não sei ao certo, mas, se o estádio fosse do Flamengo e não do poder público, talvez respeitassem mais, não quebrariam como quebraram. Teria uma identificação maior. Mas é o Maracanã, um patrimônio mundial. ●

MÁRCIO ALVES

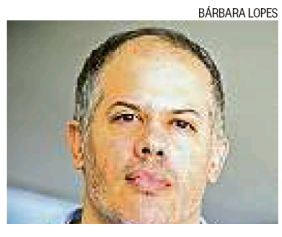
REPRODUÇÃO

DIVULGAÇÃO

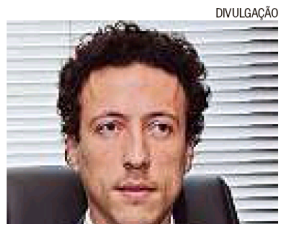


FABIANO ROCHA

BÁRBARA LOPES



DIVULGAÇÃO



FERNANDO VELOSO. Especialista em segurança, chefiou a Polícia Civil

LUIZ ANTÔNIO SANTORO. Advogado do Corinthians

RONALDO HELAL. É sociólogo do esporte e professor da da UERJ

PAULO STORANI. Ex-capitão do Bope e ex-secretário de segurança

SEGURA TREJO. Sociólogo da Universidade Federal de Goiás

EDUARDO CARLEZZO. Advogado, defendeu o Boca Juniors na Conmebol

pressreader
PRINTED AND DISTRIBUTED BY PRESSREADER
PressReader.com +1 604 278 4604
COPYRIGHT AND PROTECTED BY APPLICABLE LAW